



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

NO TEMPO EM QUE OS BICHOS FALAVAM: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Verucci Domingos de Almeida

Universidade Estadual da Paraíba; veruccialmeida@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo é resultado de uma parte das atividades de um projeto de extensão universitária, oferecido pelo curso de Letras, das Faculdades Integradas de Patos (FIP) em parceria com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Coriolano de Medeiros, desenvolvido durante o semestre de 2016.1. O projeto intitulado “Cordelendo: projeto de incentivo à leitura da literatura de cordel no ensino fundamental II” objetivou proporcionar o contato de alunos de uma escola pública do município de Patos – Paraíba com a literatura de cordel, tendo como foco a experiência estética a partir da leitura de folhetos. Sendo assim, este trabalho apresenta a sequência didática de uma das atividades que foram planejadas a fim de serem desenvolvidas com alunos do 6º ano da referida escola, como também o relato da experiência vivenciada em sala de aula. O plano didático foi fundamentado na leitura do cordel *No tempo em que os bichos falavam*, do poeta José Francisco Borges, tendo como base teórica para a sua construção as contribuições de Cosson (2009), Jauss (1979), Iser (1979), Colomer (2007), bem como dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998). A partir do que foi construído na sequência didática, fizemos a experiência em sala de aula.
Palavras-chave: Literatura de cordel, Leitura, Ensino Fundamental II.

Introdução

A leitura em sala de aula é algo que deve se fazer presente no cotidiano escolar. Dentre este universo, a leitura literária é uma prática que pode ser cultivada através de textos que representem o lugar-comum e o imaginário do leitor, a fim de despertar nele a fruição estética. Porém, a realidade encontrada nas escolas brasileiras é bastante diferente e raramente a leitura literária se faz presente entre os alunos.

Pensando nas lacunas deixadas por muitos professores em relação à inserção da leitura literária em sala de aula e, em consequência disso, no déficit de leitura, o curso de Letras das Faculdades Integradas de Patos idealizou o projeto de extensão intitulado de “Cordelendo: projeto de incentivo à leitura da literatura de cordel no ensino fundamental II”, como proposta de intervenção em uma escola estadual da cidade de Patos, com o intuito de possibilitar um momento de fruição estética dos alunos através da literatura de cordel. A escola selecionada foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Coriolano de Medeiros. Ministramos uma sequência de atividades



em uma turma do 6º, 7º, 8º e 9º anos. Neste artigo iremos relatar apenas a sequência didática e a experiência de leitura no 6º ano do ensino fundamental.

O projeto contava com uma coordenadora, professora do curso de Letras das Faculdades Integradas de Patos (FIP) e três monitoras, alunas do 4º período do mesmo curso no semestre de 2016.1. O projeto constava de atividades discursivas entre os envolvidos, planejamento de sequências didáticas, execução das atividades, planejamento das atividades do blog e atualização do mesmo. Ao final do semestre de 2016.1 o projeto foi encerrado devido ao desligamento da coordenadora com a instituição.

Sequência didática

É importante, antes de qualquer discussão, ressaltar que a sequência didática não pode ser entendida como uma proposta para aqueles professores que não tem muita experiência com a prática de ensino da literatura em sala de aula. Ela deve ser vista como um norte; algo que oriente o professor antes, durante e após a aula, porém deve vista como algo flexível, passível de mudanças e reajustes. De acordo com Pinheiro e Lúcio (2001, p. 81), “sugestões a gente ouve, adapta à nossa realidade, desconfia delas, esquece-as retoma noutro momento, recria, inventa outas”.

TEMA:

Os animais

OBJETO DE ESTUDO:

A ludicidade do tema dos bichos presente na literatura de cordel

SÉRIE:

6º ano do ensino fundamental

Sabe-se que na grade curricular do ensino fundamental não há uma disciplina específica para o trabalho com os textos literários. A literatura só começa a fazer parte do currículo escolar a partir do ensino médio. No entanto, a ausência de uma disciplina não pode ser a causa da escassez da leitura literária na escola, já que o texto literário deve se fazer presente em sala de aula em todas as fases do ensino básico, independente de um momento ou razão exclusiva para tal. Por esta razão os *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN* (BRASIL, 1998) aconselham o trabalho com os mais



diversos gêneros textuais (e literários) e orais, e apontam a literatura de cordel como uma opção de trabalho com este último. Sendo assim, sugerimos a aplicação desta sequência didática no 6º ano do ensino fundamental, pela temática do folheto, pela sua linguagem, pelo humor presente nos versos e, sobretudo, pelo seu caráter lúdico.

OBJETIVOS:

- estimular o gosto pela leitura de cordéis;
- proporcionar a fruição através da experiência estética com a literatura de cordel;
- formar leitores assíduos e críticos da literatura de cordel.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- folheto (ou cópia do folheto) *No tempo em que os bichos falavam*, do poeta José Francisco Borges;
- cópia da música "Coco da bicharada", de Antônio Nóbrega e Wilson Torres.
- Data show
- caixa de som
- notebook
- folhas de papel ofício
- lápis de cor

PROCEDIMENTOS:

- leitura oral;
- leitura compartilhada¹;
- discussão e debate;
- desenho e pintura;
- canção.

QUANTIDADE DE AULAS:

2 aulas

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES (COSSON, 2009):

¹ De acordo com Colomer (2007, p. 147), “compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia”.



As etapas da sequência didática a seguir foram baseadas nas sugestões de Cosson (2009) e contém os seguintes pontos: Apresentação, Motivação, Leitura, Discussão/ Debate, Registro, Expansão e Avaliação.

APRESENTAÇÃO:

Consideramos importante, no início da aula, falarmos sobre a literatura de cordel a fim de situar os alunos no contexto desse novo gênero textual. Este tipo de texto requer um modo peculiar de ler, o qual os alunos necessitam saber, antes de se fazer a sua leitura.

É importante que o professor, oralmente, e de modo simplificado, aborde (comente) o uso das rimas, do ritmo que demarca os versos e da musicalidade presente no texto, porém deve lembrar-se que o objetivo do encontro não é dar uma aula explicativa sobre literatura de cordel, e sim proporcionar um momento de leitura e fruição a partir desses textos. Sendo assim, pode-se primeiramente perguntar aos alunos se eles conhecem a literatura de cordel. Após as respostas, o professor pode explicar o que é a literatura de cordel e suas principais características, e depois introduzir o texto, motivo principal da aula.

Entendemos que esta singela abordagem (sondagem) seja essencial para o processo de leitura, uma vez que os alunos do sexto ano pouco tenham tido contato (ou não tenham tido nenhum) com a literatura de cordel. Em outro momento, pode-se retornar ao assunto e abordar outras características e textos. A partir desse encontro contínuo com a literatura de cordel, os alunos serão capazes de reconhecê-la e apreciá-la, tornando-se leitores assíduos e críticos.

MOTIVAÇÃO:

A motivação da aula é algo muito importante para o processo de desenvolvimento das atividades planejadas, pois é a partir dela que o aluno sente-se instigado a participar de todos os momentos a serem executados. É a partir desta primeira etapa que o aluno, ao poder fazer previsões acerca do tema e objeto da aula, identifica-se com estes e adentra no mundo da leitura.

Tendo em vista que o cordel trata-se de animais, o professor pode iniciar este primeiro momento com as seguintes perguntas aos alunos:

- Quem gosta de animais?
- Quais animais vocês mais gostam?
- Quem tem animais em casa? Quais?
- Como é a sua relação com o seu animal de estimação?



- Seu animal faz alguma coisa diferente do comum? O quê?
- O que vocês acham da ideia de os bichos poderem falar? Quem acha que seria legal?
- O que será que os animais nos diriam?

É importante lembrar ao professor que a interação com os alunos através dessas perguntas não pode se estender para que não se perca o ritmo da aula e para que eles não se dispersem, perdendo o interesse pelas atividades posteriores.

Já que a turma do sexto ano do ensino fundamental é composta, em sua maioria, por crianças, o uso de um vídeo sobre animais pode ser muito pertinente. Há vários vídeos interessantes e com fatos curiosos sobre bichos na internet. O professor pode sentir-se à vontade para procurar no *youtube* e ver o que mais pode atender o horizonte de expectativa dos seus alunos. Sugerimos o vídeo: “O que os animais diriam se pudessem falar?”.

Após esse diálogo e a exibição do vídeo para a turma, o professor pode introduzir o tema de aula e informar aos alunos que eles irão conhecer uma estória que trata do tempo em que os bichos falavam; conta como foi uma festa em que eles eram os convidados, como ilustra a estrofe abaixo:

Gambá e o Papa Mel
Foram a festa um certo dia
Gambá não arranjou nada
E cheio de ironia
Destampou o seu perfume
Correu toda bicharia

LEITURA:

A segunda etapa da aula constitui-se da leitura do texto literário, nesse caso, o cordel *No tempo em que os bichos falavam*, do poeta José Francisco Borges. É o momento de encontro entre os alunos e o texto, e por esta razão este encontro precisa ser significativo, principalmente quando se trata da literatura de cordel, que tem um jeito peculiar de ser lido, cabendo ao professor atentar para a expressividade do ritmo, rimas e marcação das estrofes, chamando a atenção dos alunos.

No entanto, para que se faça inicialmente um reconhecimento do texto, é preciso uma primeira leitura e esta pode ser individual e silenciosa. Posteriormente deve ser feita uma segunda leitura, desta vez de forma compartilhada (COLOMER, 2007) entre professor e alunos, em que cada qual possa ler uma estrofe do cordel. Isso possibilita a interação entre professor, texto e aluno e permite que o cordel seja contemplado na sua essência, que é a oralidade. Isso retrata que mesmo que qualquer tipo de leitura possa ser válido, “com relação ao folheto, a atividade fundamental é



mesmo a leitura oral”. (PINHEIRO E LÚCIO, 2001, p. 82). Uma terceira ou quarta leitura ainda podem ser feitas de acordo com a necessidade e interesse dos alunos.

DISCUSSÃO/ DEBATE

É importante após a leitura, o professor abrir um espaço para o debate e discussão do texto. Em todos os momentos da aula os alunos podem interagir, porém este momento deve ser reservado para que todos tenham a oportunidade de avaliar o cordel, à medida que tem a possibilidade de expor o que mais lhes chamou a atenção, as estrofes e versos que mais lhes agradaram.

Caso os alunos não participem inicialmente, o professor pode provocar a discussão a partir dos seguintes questionamentos:

- Vocês gostaram do cordel?
- De que vocês mais gostaram?
- Quais estrofes mais lhes chamaram a atenção? Por quê?
- De que animais no texto vocês mais gostaram? Por quê?

A partir daí a discussão vai fluindo naturalmente, dando origem a outros pontos que podem ser abordados.

REGISTRO:

Segundo Cosson (2009, p.114), através do registro podemos “verificar o balanço final, ou seja, se o objetivo da leitura foi alcançado”. Uma forma de verificar se a leitura foi eficaz e estimulante para os alunos do 6º ano do ensino fundamental é pedir que eles façam desenhos que representem as estrofes que mais lhes chamaram a atenção. O desenho é uma atividade lúdica e muito apreciada pelas crianças. Através dos traços e das cores, ela cria e recria o mundo a sua volta.

EXPANSÃO:

De acordo com Cosson (2009, p. 94), a expansão “é esse movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário”. Sendo assim, o professor pode planejar uma ou várias atividades que complementem a leitura do cordel.

A expansão dessa aula será constituída de dois momentos: um dentro da sala de aula e outro extraclasse. Na sala de aula, após a confecção dos desenhos pelos alunos, o professor pode convidá-



los a cantar a música “O coco da bicharada”, de Antônio Nóbrega e Wilson Freire. Para que isso seja possível, é importante distribuir cópias da música para que eles conheçam a letra.

O momento extraclasse baseia-se no acesso às outras atividades propostas no blog do projeto de extensão, chamado de “Cordelendo”. No blog o aluno poderá encontrar atividades que intensifiquem o processo de aquisição da leitura e do tema do encontro. Lá encontram-se a leitura de um novo cordel digitalizado: *O que vi no tempo que os bichos falavam* e *O azar na casa do funileiro*, de Leandro Gomes de Barros, e a música: “Siri jogando bola”, de Luís Gonzaga.

AVALIAÇÃO:

É importante ressaltar que a avaliação aqui não serve para punir ou cobrar, mas para diagnosticar como se deu o processo de recepção (JAUSS, 1979) e interação do texto com o leitor (ISER, 1979), portanto teremos como procedimento avaliativo a participação nas atividades propostas, bem como os comentários no blog.

Relato de experiência

As atividades aqui relatadas resultam da experiência de leitura do folheto *No tempo em que os bichos falavam*, do poeta José Francisco Borges, em sala de aula, e das atividades planejadas na sequência didática.

No dia 18 de abril de 2016 proporcionamos um momento de leitura e fruição estética aos alunos do sexto ano do ensino fundamental II, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Coriolano de Medeiros, com faixa etária entre 9 e 11 anos de idade. Neste dia a professora de língua portuguesa disponibilizou a primeira aula na turma, que teve a duração de 45 minutos, tendo início às 7h e terminando às 7:45 da manhã, para que pudéssemos iniciar as atividades planejadas na sequência didática.

Às 7h da manhã ainda não havia alunos em sala de aula. Começamos a desenvolver as atividades, então, por volta das 7h15min, quando já tinha um número considerável de estudantes; cerca de 90%. A professora, que não era a titular, já que a mesma encontrava-se de licença por motivos de saúde, acompanhou-nos até a sala de aula e ficou entre a porta e o corredor, com a justificativa de monitorar os alunos caso eles não se comportassem.



Ela deu bom dia à turma, informou que iria deixá-la sob a nossa responsabilidade e pediu que todos colaborassem. Sendo assim, iniciamos o nosso encontro nos apresentando e informando-os sobre o nosso propósito de estarmos ali.

Inicialmente perguntamos se eles gostavam de ler. A resposta foi positiva, visto que 95% da turma afirmou que sim. Então aproveitamos para informá-los que o motivo da nossa presença era proporcionar-lhes um momento significativo com a leitura, especificamente a literatura de cordel.

A partir de então iniciamos o roteiro da nossa aula baseada na sequência didática que outrora elaboramos e que serviu de norte para o desenvolvimento das nossas atividades. A apresentação foi a primeira etapa da aula, em que, de forma singela, situamos os alunos no contexto do gênero textual que seria abordado. Sendo assim, nossa primeira pergunta foi: “Quem já ouviu falar na literatura de cordel?” Todos disseram que não conheciam, exceto um aluno que levantou a mão e disse que conhecia “o cordel”, mas não “a literatura de cordel”. Diante dessa resposta, perguntamos o que era o cordel, então. O mesmo aluno disse que se tratava de um texto com rimas.

Diante do silêncio que ainda predominava na sala de aula e da única resposta de um aluno, conceituamos a literatura de cordel dizendo que se refere a textos da cultura popular nordestina, advindos da tradição oral, que contém estrofes, versos e rimas, em sua maioria, publicados em papel de forma rudimentar, em papel simples, vendidos em feiras e bancas de revista.

Para ilustrar o nosso conceito, mostramos alguns exemplares que havíamos levado já com esse intuito. Assim que mostramos os folhetos, alguns alunos disseram reconhecerem ser cordéis, dizendo que não sabiam que aqueles “livrinhos” se tratavam de literatura de cordel. Alguns disseram também já terem lido alguns exemplares. Um aluno, por exemplo, disse que o seu pai costumava comprar para ele.

O segundo momento do nosso encontro foi dedicado à motivação da leitura, ou seja, a introdução do tema da aula a partir de uma atividade que os instigassem a adentrar o universo do texto. Sendo assim, começamos com a seguinte pergunta: Quem já imaginou como seria se os animais falassem? A essa pergunta os alunos timidamente disseram que já tinham imaginado como isso seria, mas poucos quiseram revelar detalhes. Diante disto, passamos um vídeo de caráter lúdico que tinha como título “E se os animais falassem, como seria?”.

De início tínhamos programado passar o vídeo em um *datashow*, pois assim a imagem ficaria visualmente mais acessível, o que permitiria um maior aproveitamento do mesmo. Tínhamos, também, programado a utilização de uma caixa de som que possibilitasse um melhor entendimento das falas dos animais. Entretanto, não foi possível a utilização nem de um nem de outro, pois apesar



de a escola possuir estes equipamentos, a mesma não dispõe de uma sala de multimídia. Sendo assim, a utilização deste equipamento só é viável no refeitório, já que é um ambiente amplo, o qual se adequa a instalação dos equipamentos e que melhor acomoda os alunos.

Infelizmente a pessoa responsável pelos equipamentos só estaria presente na escola a partir da segunda aula, que começa às 8h da manhã e por esta razão, tivemos que improvisar e passar o vídeo no próprio notebook que levamos, sem caixa de som. O fato de não estarmos com os equipamentos apropriados atrapalhou um pouco o rendimento dessa etapa, pois os alunos, sobretudo, aqueles que sentam no final da sala, ao permanecerem sentados, não conseguiram ver nitidamente as imagens por causa da tela pequena do notebook, assim como não conseguiram ouvir com precisão, pois o volume do som era baixo e tornava os diálogos um pouco incompreensíveis. Isso fez com que alguns alunos ficassem dispersos durante a exibição do vídeo.

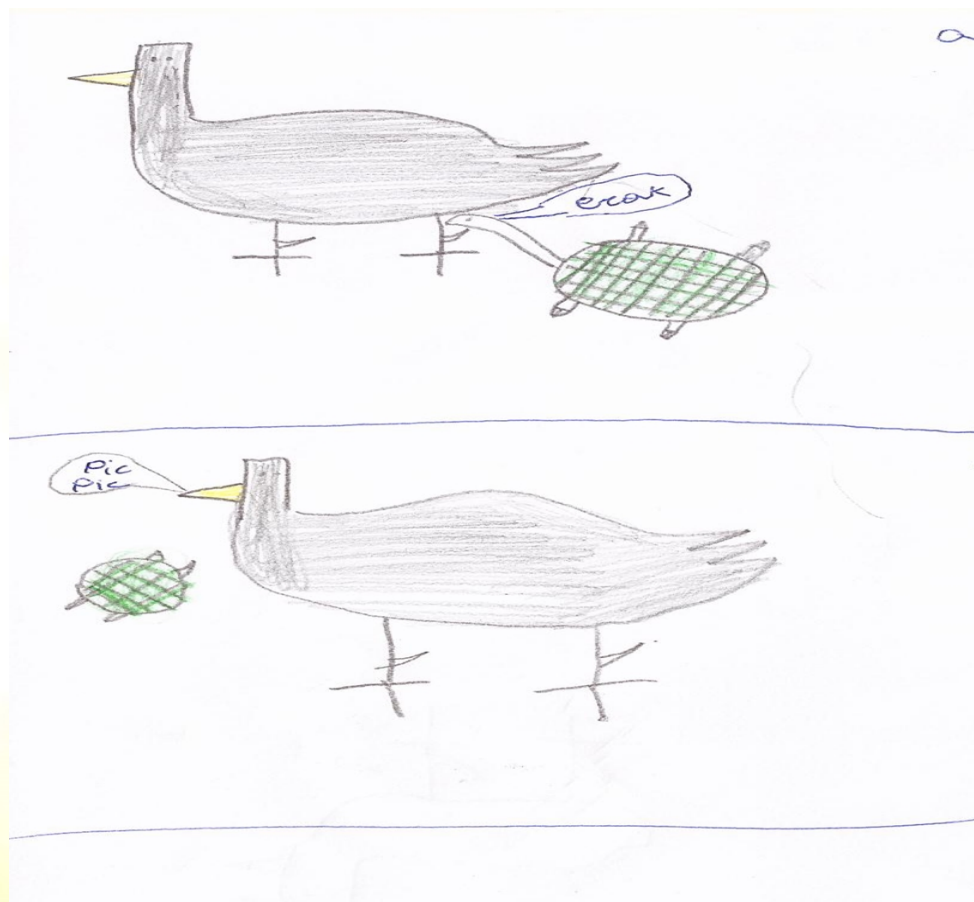
Ao final, perguntamos quem gostou do vídeo e todos responderam que sim. Voltamos a perguntar sobre a possibilidade de os animais falarem. Alguns alunos disseram que gostariam que isso fosse possível, mas outros disseram que não, pois segundo uma criança, se isso acontecesse os animais iriam querer disputar com os humanos. Outro aluno disse que os animais importunavam muito e se eles falassem iriam importunar mais. Ele citou, como exemplo, o cachorro e disse que se o cachorro já late muito, se ele falasse, “iria ser muito chato”.

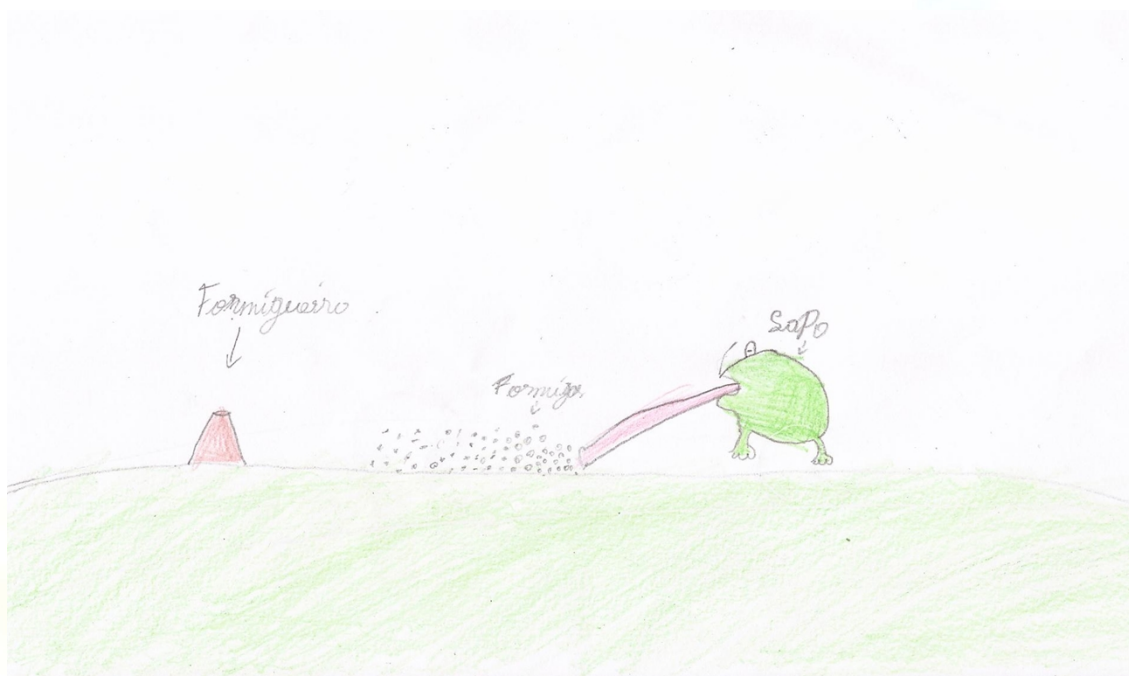
Depois desse momento, seguiu-se a leitura do folheto *No tempo em que os bichos falavam*, de José Francisco Borges. Primeiramente foi feita uma leitura oral, em voz alta, do folheto, com a coordenadora e as monitoras; os alunos apenas acompanharam silenciosamente como reconhecimento do texto. A segunda leitura foi compartilhada entre os alunos. Por fila, cada um leu uma estrofe, exceto uns dois ou três alunos que ficaram envergonhados e não leram. Impressionou a maneira com a qual eles leram: a fluência da leitura foi significativa, com a marcação do ritmo e das rimas. Como não conhecíamos a turma, não sabemos se isto decorreu da nossa primeira leitura, da qual eles puderam observar a maneira peculiar de ler, ou se eles já conheciam este tipo de texto. No entanto, ao que parece, a segunda hipótese deve ser a mais viável, já que em um momento do encontro, quando mostramos efetivamente o livretinho de cordel, muitos disseram que já conheciam, mas que não sabiam que se chamava “literatura de cordel”, como os indagamos no início.

Após a realização das leituras, entramos na terceira parte do nosso encontro, que priorizou o debate e a discussão. Cada qual destacou a estrofe que mais gostaram. No dia 19 de abril de 2016 seguiu-se a segunda parte da aula com as últimas etapas.



Iniciamos com a distribuição de cópias da música “Coco da bicharada”. Ligamos o notebook e neste dia levamos uma caixa de som, já que não pudemos utilizar a que era reservada à escola. Após a música, fizemos associação com o cordel que tínhamos lido na aula anterior e convidamos os alunos a desenhar a estrofe que eles mais gostaram. Alguns dos desenhos foram esses:





Considerações Finais

Não há receituários ou manuais de procedimentos teórico-metodológicos, nem mesmo fórmulas milagrosas de vivenciar o texto ficcional. Porém, faz-se necessário repensar a prática do professor frente aos textos literários e as posturas ainda vigentes em instituições, que se apoiam na escolarização da literatura, usando o texto literário como pretexto para estudos linguísticos e/ou gramaticais, em vez de ampliar este universo que acompanha o indivíduo em boa parte de sua vida.



Acreditamos no poder de catarse e da transformação através do fazer literário. Concebemos a possibilidade de ocasionar um encontro encantatório e reflexivo entre o leitor, o autor e o texto, fundamentado na dialética relação entre estes e valorizando os sentidos e as experiências particulares de leituras.

A apreciação literária deve se dar sob uma ótica particular, com estímulo a descoberta, a multiplicidade. Deve-se dar um tratamento adequado, reconhecendo as especificidades do texto literário e seus respectivos gêneros, frisando seu aspecto polissêmico, lúdico e sua natureza fictícia, pois é através destes que se chega ao prazer encontrado no ato de ler.

Referências bibliográficas

- BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias: conhecimentos literários. In: *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica, 1998.
- COLOMER, Tereza. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2009.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor In: JAUSS, Robert Hans et all. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83 – 132.
- JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: JAUSS, Robert Hans et all. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43 – 61.
- _____. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: JAUSS, Hans Robert. et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Literatura e Teoria literária, v 36). p. 63 – 82.
- PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Coleção Literatura e Ensino, v. 2).